

Radio 18.5.63
C. Povo 3.10.82
FLU, set. 80
RN 122
"Roc Prim"

HISTÓRIA DO BOM HOLANDÊS

RUBEM BRAGA

● A última coisa que se soube sobre o Holandês é que ele era nascido na Albânia e tinha passaporte britânico. Era um homem muito alto, gordo, com uma grande cara vermelha e gaiata; gostava de tomar cerveja consumindo toda sorte de peixes em conserva, frios, do Báltico. E freqüentava um bar que havia em Tânger chamado Consulado — um bar cujo nome permitia a cônsules e auxiliares de qualquer país telefonar para casa a qualquer hora dizendo honradamente que estava no Consulado.

O Holandês não era cônsul, era homem de negócios — não de um grande negócio, mas de muitos pequenos negócios, por exemplo: sócio de um varejo de cigarros e de dois táxis de turismo, intermediário correto na venda de alguns artigos de contrabando, representante de uma companhia de navegação cujos navios nunca vinham a Tânger mas aceitavam transbordo de mercadorias para alguns portos do mar do Norte; organizador de banquetes e coquetéis; entendia um pouco de tudo, inclusive de moedas e selos raros; tinha uma pequena mulher de cabelos brancos azulados, sempre de calças compridas, sorridente, de olhos azuis, com uns restos de beleza; fumava cachimbo; às vezes lhe vinham idéias. Aquela idéia lhe veio na madrugada de quinta para sexta-feira, duas semanas depois da semana santa, quando alguém da roda se queixou de que não conseguira transporte nem alojamento para assistir à Feira de Sevilha... Mais duas ou três pessoas concordaram em que realmente o papel seria ir a Sevilha, e o Holandês perguntou:

— Vocês querem ir a Sevilha?

Fêz um gesto com a imensa mão mandando que esperassem, foi ao telefone, demorou dez minutos, puxou um lápis do bolso, fêz uns cálculos em um guardanapo de papel e anunciou que a 45 dólares por cabeça levaria oito pessoas a Sevilha para os dois últimos dias da Feira — sábado e domingo — incluindo transporte, alojamento, **break-fast**. Depois, com a maior naturalidade, tirou do bolso uma tábua de marés, estudou-a e disse: saímos sexta às 10h45m da noite, podemos estar de volta segunda-feira antes das 2 da tarde.

Quase ninguém ali trabalhava aos sábados; era matar apenas o primeiro expediente da segunda-feira. Na hora marcada, todos embarcavam alegremente em um pequeno iate, menos a mulher

do Holandês. Menos, quer dizer: ela embarcava, mas não alegremente; pelo contrário, chorava sem cessar, fazia “não” com a cabeça e puxava pelo paletó o seu grande marido que se curvava para ouvir recriminações ditas em segredo e depois piscava um olho para os outros, como quem diz: coisas de mulher. E bebia mais uma cerveja.

Atravessaram o estreito de Gibraltar em direção a Tarifa, foram bordejando a costa espanhola; ao amanhecer, o Holandês apontou à direita Trafalgar e falou das relações do Almirante Nelson com os judeus de Tânger; na barra do rio que leva a Sevilha explicou que Guadalquivir vem do árabe “Ued-El-Kebir”, Rio Grande; sabia tudo, o Holandês, inclusive, como se viu depois, a origem das “casetas” da Feira e a história dos negros touros Miúra; só não sabia que, apesar de haver bem calculado a maré, seria impossível na volta, segunda-feira pela manhã, transpor a barra do rio de retorno ao Atlântico, isto porque duas lanchas da polícia rodearam o iate e uma delas acabou se atravessando em seu caminho, obrigando-o a parar. Os homens que subiram a bordo declararam que o Holandês estava preso e o iate provisoriamente apreendido. Dois cônsules discutiram a situação, conseguiram liberar o iate, depois de provar que ele não pertencia ao Holandês nem este era seu verdadeiro capitão, mas sim um amarfanhado marinheiro velho e louro que mostrou seus documentos. Um dos cônsules ainda foi à terra ver se soltava o Holandês, mas desanimou, diante de um telegrama da Interpol. A mulherzinha desmaiou, fêz-se vir um médico de terra, que a reanimou e levou de volta fumo de cachimbo para o prisioneiro. “Eu bem sabia, eu bem dizia” — dizia ela, “ele é louco”; e chorava mais.

Todos ficaram consternados a) porque com a baixa maré só iriam chegar a Tânger à noite; b) porque o Holandês era boa praça, tanto que fizera questão de oferecer uma ceia aquela madrugada, que ele mesmo preparara — “eu o vi a cortar pepinos (disse a mulher de um vice-cônsul), com que cuidado ele cortava pepinos, o pobre homem!” Bem, naturalmente não fôra por ele cortar mal pepinos que a Interpol o prendera, e sim por algum outro motivo, que não se soube. Tudo o que se soube, como eu já disse, foi que ele era nascido na Albânia e tinha passaporte britânico, o bom Holandês.